

O que procuram os eleitores brasileiros

Oliveira Estadual

15 JUL 1986

Durante anos, além de assistir à lenta mas segura deterioração da qualidade da vida político-partidária do País, não sobrou ao eleitor brasileiro nenhuma opção senão escolher entre dois partidos criados para sustentar o arremedo de democracia que se praticava no Brasil, identificáveis os dois por um único ponto programático: um era a favor e outro era contra o governo. Tanto na Arena (depois PDS) quanto no MDB (depois PMDB) viveram em longo concubinato as forças políticas mais dispares, os perfis ideológicos mais distintos.

A liberalização do regime é, principalmente, a reforma partidária imposta pelo governo do presidente Figueiredo em 1979 criaram a expectativa de que se abrissem as primeiras brechas. Em virtude, porém, de ter sido fruto de uma imposição do poder central e não de um movimento natural das forças sociais, ela acabou sendo um fracasso. Contribuíram para isso também a desconfiança dos políticos opositores de que o governo estivesse apenas armando uma jogada para fortalecer-se e a conveniência eleitoral da maioria desses políticos. Foi quando naufragou a experiência do Partido Popular, uma tentativa de criar no País uma legenda moderna e que aglomerasse o centro democrático, há muito espremido entre o fisiologismo do PDS e a tendência esquerdizante dos setores que dominavam o PMDB. Na ocasião, surgiram alguns partidos novos, mas sem expressão eleitoral.

Vencida porém a fase mais difícil do processo de redemocratização do País, que foi a substituição do general Figueiredo por um presidente civil, saído de um partido de oposição e eleito de acordo com as regras estabelecidas pelo regime militar, esperava-se que o quadro partidário brasileiro sofresse alterações espontâneas que lhe dessem maior nitidez e maior organicidade. Não se justificava mais a permanência de legendas sem nenhum — ou quase nenhum — princípio doutrinário e sem qualquer coerência ideológica.

O esperado saneamento do sistema partidário, porém, não aconteceu. Com exceção do Partido dos Trabalhadores, que tem uma linha de ação claramente definida — embora antidemocrática — as outras legendas continuaram com suas antigas deformações. Mantiveram suas estruturas de meros trampolins eleitorais e não, como em qualquer democracia que se preza, de reais canais de manifestação da vontade popular. O panorama, na realidade, tornou-se ainda mais confuso. Na ânsia de se manterem atrelados ao poder, políticos que militaram durante anos na Arena/PDS, com relevantes serviços prestados aos governos militares, após a derrota da malfadada candidatura do deputado Paulo Maluf à presidência da República, correram para se aboletar no PMDB e no PFL, os novos partidos situacionistas. E, por incrível que pareça, foram bem recebidos, pois às duas agremiações interessava expandir o número de seus parlamentares para aumentar seu poder de barganha junto ao governo federal. Uma forma de conquistar mais cargos públicos para seus filiados.

Foi um típico fenômeno de inchação, com evidente perda de identidade. O PFL, que deveria crescer como um partido voltado para defesa do liberalismo, não é nada. O PMDB, que se apresenta como uma legenda de centro-esquerda para efeitos externos, abriga malufistas e ex-malufistas, radicais de direita e de esquerda, idealistas e fisiológicos em proporções idênticas. Para embaralhar ainda mais a situação, o Congresso Nacional, ao modificar a legislação eleitoral no ano passado facilitou excessivamente a criação de novas agremiações, o que permitiu o aparecimento de um sem-número de siglas, sem nenhuma densidade ou significação, montadas única e exclusivamente para serem negociadas no futuro. É o comércio das legendas de aluguel que proliferou solto no momento.

Sem programas consistentes, sem princípios, sem unidade, todos os partidos envolveram-se, por todo o País, em um verdadeiro leilão. Um grande mercado persa em que o que importa é o apoio eleitoral e os votos que podem ser arrançados para o dia 15 de novembro. Posições ideológicas, concepções diferentes de administração dos negócios públicos, nada disso é levado em consideração. Armam-se os mais esdrúxulos acordos, desde que isso garanta o acesso ao poder. O PMDB, por exemplo, aliou-se ao PDS em vários Estados e aqui em São Paulo, em determinado momento, esteve muito próximo de celebrar um acordo com o sr. Jânio Quadros. O PFL não fica atrás e vai juntar-se até a Paulo Maluf. O PDT do sr. Brizola, depois de haver incorporado os restos do ademarismo, inclina-se agora para o sr. Maluf. Negocia-se com Deus e o diabo. É o que podemos chamar de um espetáculo de **politicagem pornográfica explícita**.

Diante de um quadro desses, o eleitor brasileiro, que num determinado momento chegou a inclinar-se decisivamente para o PMDB, perdeu totalmente a confiança nos partidos políticos, como já havia perdido, há muito tempo, nos políticos profissionais. Como consagrar o PMDB, por exemplo, se ao mesmo tempo o voto estará prestigiando o sr. Miguel Arraes e o sr. Haroldo Sanford, o sr. Samir Achoa e o sr. Chico Pinto? Essas contradições, que estão em todos os partidos, não escapam ao eleitor mais sagaz. Por isso mesmo as pesquisas de opinião vêm mostrando uma preocupante queda no prestígio dessas agremiações e a tendência dos eleitores de votarem mais em nomes do que em partidos.

Foi exatamente neste espaço que nasceu e cresceu rapidamente a candidatura do empresário Antônio Ermírio de Moraes. Ela veio para ocupar este vácuo deixado pelos políticos tradicionais e pelos partidos. Empresário de sucesso, homem público de sucesso — e, portanto, político na acepção real do termo —, ela surgiu sem os vícios de seus adversários: sem compromissos com o passado e sem compromissos com grupos ou pessoas. Uma candidatura para suprir a principal aspiração da sociedade brasileira, manifestada nos movimentos populares da campanha das diretas e na eleição de Tancredo Neves, aspirações estas para cuja formulação contribuiu decisivamente o desejo de escapar à opção forçada pelos partidos políticos existentes. A realidade é que nossos políticos, nos dois movimentos, estiveram a reboque da população brasileira, que clamava em praça pública por mudanças radicais no panorama político nacional, por novas concepções na arte de fazer política e novos conceitos na ciência de administrar a coisa pública.

Mas, lamentavelmente, um pouco por ingenuidade política, um pouco pela falta de escrúpulos de alguns de seus pretensos aliados, a verdade é que o empresário paulista começou a perder fôlego e nitidez, quando se deixou enredar no mesquinho jogo de formação de alianças eleitorais, a ponto de quase queimar o seu único grande trunfo, que era, precisamente, o seu desligamento da nossa (triste) "política" passada.

Só um motivo explica ainda a preocupação de Antônio Ermírio em continuar negociando com perigosas figuras do cenário partidário paulista: a necessidade de garantir uma legenda para registrar sua candidatura. Mas desde que esse aspecto da questão foi equacionado, nada mais justifica suas tentativas de manter conversações com notórias e pouco recomendáveis personagens de nossa vida pública. É hora de retomar sua peregrinação e sua pregação e de erguer, como sua principal "bandeira", o seu descompromisso e até o seu repúdio aos partidos e aos políticos que aí estão. É isso que os eleitores estão procurando.